

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: OESP Class.: Prod. Cultural / Filmes
Data: 02/10/92 Pg.: 1-Caderno 2 75

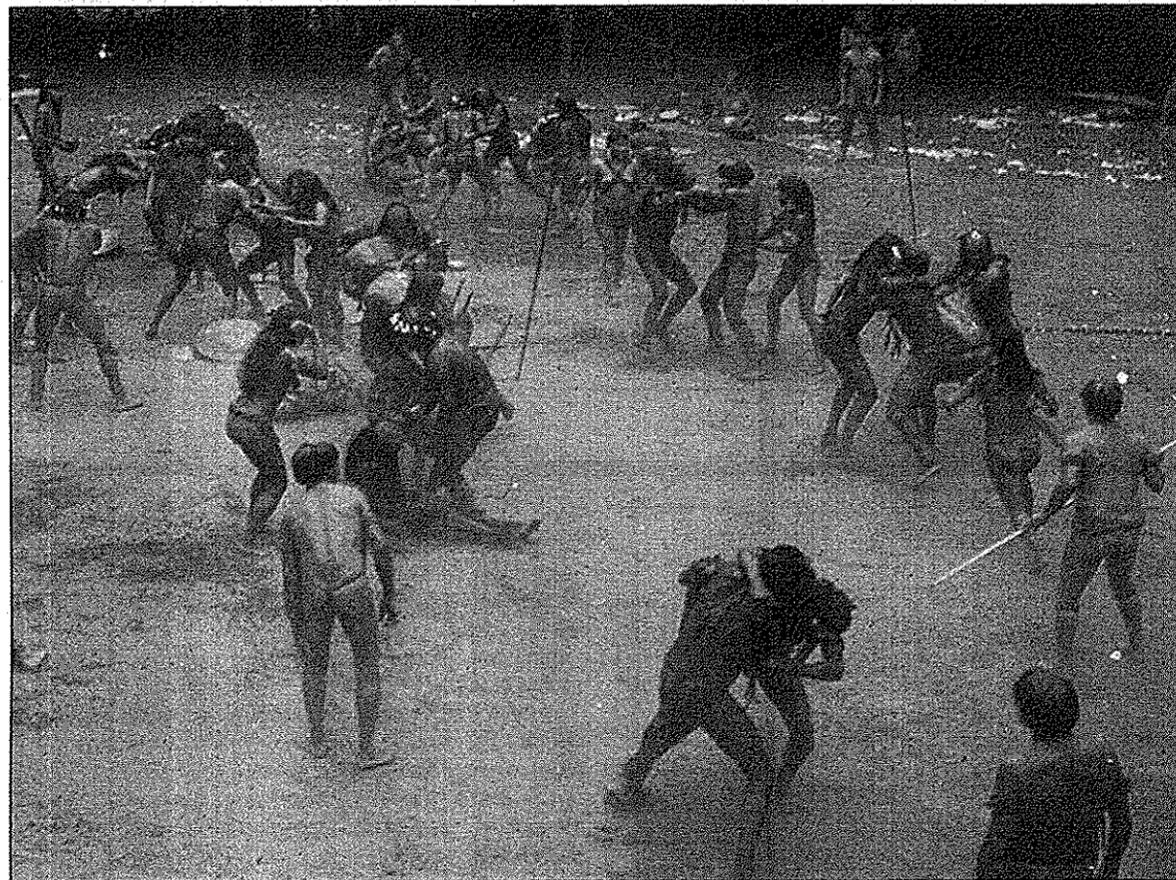
Epopéia

Babenco se perde entre Hollywood e a Amazônia

No ano do quinto centenário da descoberta da América, as cartilhas do politicamente correto querem transformar Cristóvão Colombo em vilão da História. Hector Babenco acha a discussão "babaca". Sabe que a tragédia americana vem desde os primórdios da colonização, mas quer falar sobre o índio brasileiro aqui e agora. Há uma utopia em **Brincando nos Campos do Senhor**. Ela é representada pela taba, aquele imenso teto integrado à floresta amazônica, sob o qual os índios levam uma existência comunitária. A serpente desse paraíso é o homem branco. Todos os brancos da história colaboram para a destruição dos índios. Uns o fazem de maneira acintosa, movidos pela cobiça, como o policial que sonha explodir a aldeia. Outros de maneira velada, como os missionários americanos que invocam o nome de Deus para a sua missão aculturadora. E há o mestiço Moon, com sangue de índio americano, que resolve assumir sua identidade cultural vivendo na floresta. Dissemina a gripe e causa mais estragos do que qualquer bomba.

Babenco se baseou no livro cult de Peter Mathiesen. O original esteve durante anos na mira de cineastas como Arthur Penn, John Huston e Bob Rafelson. Todos quiseram filmá-lo. Desistiram por falta de recursos ou de roteiro apropriado. Criou-se o mito do romance infilmável. Convidado pelo produtor Saul Zaents, Babenco assumiu o desafio. Queria filmar no Brasil. **Brincando** teve más críticas no Exterior. O público também não prestigiou a produção de US\$ 32 milhões. Babenco não estimula o jogo de projeção e identificação. Não arma um conflito entre mocinhos e bandidos. Há vilões de ambos os lados — dos índios e dos brancos. A floresta também transmite um sentimento exacerbado de claustrofobia.

Logo no começo, há um diálogo esclarecedor. Os principais personagens conversam, se acusam e se agridem num bar na beira do rio. Os conflitos que ali são esboçados compõem a tese do filme. Voltarão mais tarde, ao fim de três horas de projeção. Babenco quer discutir a utilidade da palavra de Deus em território índio. Usa os personagens de Tom Berenger (Moon) e Aidan Quinn (Martin Quarrier) para dizer que os bem-intencionados também erram e que o caminho do inferno está pavimentado de boas intenções. No reino de intolerância que são as posições em



Em *Brincando nos Campos do Senhor*, a taba representa a utopia e o homem branco a serpente desse paraíso

conflito, transmite, através do padre católico (Nelson Xavier), um genuíno sentimento de compaixão. Não é que acredite mais no catolicismo: o padre de Babenco é fundamentalmente um cético. Mas não possui o desprezo do missionário Leslie (John Lithgow) em relação aos índios e muito menos aceita se aliar às forças reacionárias.

Há momentos grandiosos, especialmente quando Moon, pilotando seu pequeno avião, fura as nuvens brincando nos campos do Senhor. É uma cena carregada de simbolismo. Babenco mostrou em outros filmes que tem um poderoso talento de encenador. Aqui, raramente acerta o tom. O diálogo no bar não possui a densidade necessária para

convencer que ali está a chave para a compreensão de **Brincando nos Campos do Senhor**. A loucura de Kathy Bates é constrangedora: Babenco filmou de olho na tragédia e só o que conseguiu foi submeter a atriz ao ridículo. O réquiem amazônico não está em sintonia com as fórmulas de Hollywood e também não se desliga completamente desse modelo de cinema. Os personagens, impregnados das ideologias que devem expressar, tornam-se caricatos. Fiel ao seu fascínio pelos que vivem nas beiradas da vida, o cineasta dá a impressão de só acreditar no filme quando a dúvida se instala no coração de Martin Quarrier. (L.C.M.)